

Crianças ou adultos em miniatura: A infância na telenovela Carrossel¹

Rosana Alves de OLIVEIRA²

UnB - Universidade de Brasília, Brasília, DF

UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins, Palmas, TO



Divulgação

Resumo

Neste artigo busca-se identificar como as crianças são representadas na telenovela infantil Carrossel para assim entender se a história e a forma como os personagens infantis são construídos as colocam como crianças ou adultos em miniatura. Para discutir o conceito de infância é adotado o referencial teórico que Neil Postman oferece na obra “O Desaparecimento da Infância”. Como categorias de análise que servem como suporte metodológico para marcar como as crianças são retratadas pelos meios de comunicação (jornais e na publicidade) assumem-se os estereótipos e tipologias apresentados por duas pesquisas: Children’s Express apud Carlsson; Feilitzen (1999) e Osaki (2003).

Palavras-chave

Telenovela; Criança; Adulto miniaturizado; Estereótipo.

“Embarque nesse carrossel, onde o mundo faz de conta, a terra é quase o céu” – A telenovela Carrossel como objeto de estudo

Até o final da década de 1990 várias gerações cantarolaram o tema musical da telenovela infantil mexicana Carrossel³, que no Brasil foi exibida quatro vezes (1991, 1993, 1995 e 1996). Além da versão original, *remakes* produzidos pela emissora mexicana

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UnB na Linha de pesquisa: Educação, Tecnologias e Comunicação, Eixo de Interesse: Mídias e Mediações pedagógicas e Produtora de vídeo da Unitins. Email: rosanajor@yahoo.com.br.

³ A telenovela mexicana Carrossel é baseada no livro publicado em 1966 por Abel Santa Cruz, intitulado "Cuentos de Jacinta Pichimahuida".

também foram ao ar no Brasil (Carrossel das Américas, 2002 e Viva as Crianças, 2003). 23 anos após a estreia da história original é lançado o *remake* brasileiro da trama. A adaptação traz os mesmos personagens, porém, como divulgado pela autora⁴, o folhetim mostra a realidade da família contemporânea e a influência que a tecnologia desempenha na vida das crianças desta década. Os personagens principais são 17 crianças, alunos do 3º ano, com idade de 8 e 9 anos e a professora Helena (Rosanne Mulholland). Além destes, aparecem como coadjuvantes: a diretora, o porteiro, a zeladora, a supervisora, outros professores e os pais das crianças.

Neste artigo procuramos por meio de uma análise empírica dos 5 (cinco) primeiros capítulos da telenovela identificar pistas que revelem como as crianças são retratadas e assim entender se a história e a forma como os personagens infantis são construídos os colocam como crianças ou adultos em miniatura. Para nortear a discussão do conceito de infância adota-se como base teórica o crítico social Neil Postman, que em seu ‘O Desaparecimento da Infância’, além de discutir o conceito enquanto uma construção social e histórica chama atenção para o que considera o fim da infância, fenômeno que, como defendido pelo autor, é resultado do acesso aos segredos da vida adulta que os meios de comunicação permitiram. Como categorias de análise que comportam classificar os diferentes modos das crianças serem retratadas na atual sociedade - ou seja, os modos de “ver a criança” e não o de “ser criança” - toma-se os estereótipos e tipologias apresentados por duas pesquisas. A primeira (CHILDREN’S EXPRESS apud CARLSSON; FEILITZEN, 1999) apresenta os sete principais estereótipos que servem para representar as crianças em jornais e a segunda (OSAKI, 2003) as nove tipologias que caracterizam o consumidor infantil.

A infância e os segredos do mundo adulto – os presságios de Postman

Para Neil Postman a infância está atrelada ao conceito de educação. Segundo o autor até a Idade Média as crianças eram ‘invisíveis’ e compartilhavam com os adultos os mesmos comportamentos, não existindo ‘segredos’ e o sentido de ‘vergonha’ que delimitam o “ser adulto” do “ser criança”. A separação entre adultos e crianças só teve início no século XVI com o surgimento da tipografia, que exigiu o controle da informação e, sobretudo, a necessidade de esconder dos menores os segredos da vida adulta. A imposição de

⁴ A autora da adaptação brasileira é Íris Abravanel.

resguardar as crianças e ao mesmo tempo prepará-las para entender questões como sexualidade, violência e morte exigiu colocá-las em um ambiente em que pudessem receber as orientações até estarem prontas para desvendar este ‘novo mundo’, sendo este lugar a escola, assim como explica Postman (1999):

Quando a prensa tipográfica fez sua jornada, tornou-se evidente que uma nova espécie de idade adulta tinha sido inventada. A partir daí a idade adulta tinha de ser conquistada. Tornou-se uma realização simbólica e não biológica. Depois da prensa tipográfica, os jovens teriam de se *tornar* adultos e, para isso, teriam de aprender a ler, entrar no mundo da tipografia. E para realizar isso precisariam de educação. Portanto, a civilização europeia inventou as escolas. E, ao fazê-lo, transformou a infância numa necessidade (p. 50).

Mas o controle da informação durou pouco, o telégrafo deu o prenúncio de que os segredos do mundo adulto já não estariam nas mãos dos pais e da escola. Este meio como percebe Postman (1999) dá início ao ‘desaparecimento da infância’. Sendo que, novas invenções sucederam ao telégrafo e cada uma trouxe originais e mais acessíveis formas de colocar à disposição das crianças informações compartilhadas de um modo comum por todos os públicos – adulto e infantil. E, ainda de forma mais incisiva, para o autor com seu poder de atrair atenção à televisão rompeu de vez a linha divisória entre “ser adulto” e “ser criança”, apontando algumas evidências deste rompimento:

Há, por exemplo, a evidência fornecida pelos próprios meios de comunicação, pois eles não só promovem a desmontagem da infância valendo-se da forma e do contexto que lhes são peculiares, mas também refletem esse declínio em seu conteúdo. Há evidência a ser observada na fusão do gosto e estilo de crianças e adultos assim como nas mutáveis perspectivas de instituições sociais importantes como o direito, as escolas e os esportes. E há evidência do tipo “pesado” – cifras sobre alcoolismo, uso de drogas, atividade sexual, criminalidade, etc. – que implica uma declinante distinção entre infância e idade adulta. (Postman, 1999, p. 134)

Presente na vida de todos, a televisão de acordo com Postman (1999) fala de tudo sem distinguir diferenças entre os públicos, ou ainda segundo a autor, para este meio de comunicação não existem diferenças entre os públicos, pois como ressalta não há tabus na televisão, tudo é escancarado para quem com apenas um clique liga o aparelho, em um ritual que segundo o mesmo não exige preparação e quase sempre é realizado em uma experiência de isolamento.

Desta forma, como proposto, o objetivo da análise da telenovela infantil Carrossel é identificar se as personagens infantis do folhetim são retratadas como crianças e como tal

estão em preparação para desvendar os segredos do mundo adulto ou como adultos miniaturizados, que reproduzem os comportamentos, as vestimentas e os gostos dos adultos.

“Entre duendes e fadas” – educação, brincadeiras, tecnologia, dramas e *bullying* embarcam neste Carrossel



Divulgação

Em Carrossel o espaço principal da história é a escola, porém a trama não se restringe aos acontecimentos do ambiente educacional. Paralelo a este espaço principal surgem os dramas e também as alegrias vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano, seja familiar ou entre os amigos, que como percebido a socialização extrapola os muros da escola, já que também se relacionam em outros lugares, como o Clube da Patrulha Salvadora, local de encontro da turma que na verdade é um casarão abandonado que eles consideram mal assombrado e que serve de palco para reuniões e aventuras.

Temas polêmicos como *bullying*, que também esteve presente na versão original, estão sendo abordados. Assim, as injúrias do “revoltado” Paulo Guerra (Lucas Santos) contra seus alvos prediletos, a “gordinha romântica” Laura (Aysha Benelli) e o “inocente” menino negro Cirilo (Jean Paulo Campos) continuam constantes, porém o preconceito racial que a aluna “rica e esnobe” Maria Joaquina (Larissa Manoela) nutre pelo “humilde” Cirilo está mais velado. A menina não diz claramente que não gosta do garoto por ele ser negro, apenas que ela é normal, enquanto ele é diferente e que não acha certo se misturar como se fossem todos iguais.

As dificuldades financeiras da família da “doce” Carmem (Stefany Vaz) também ganham destaque. Com os pais separados, a menina juntamente com a mãe e o irmão menor passa a ter problemas até mesmo para comprar comida.

Embora as crianças tenham jogos eletrônicos e em muitas cenas apareçam utilizando estes equipamentos (*playstation, tablet, PSP* e outros) elas não abandonaram as diversões

típicas da infância como pula corda, cabo de guerra, futebol, boneca e amarelinha, sendo que no recreio divertem-se com estas brincadeiras.

Modos de ver as crianças – percurso metodológico para investigação

De acordo com o levantamento realizado pelos jovens jornalistas da Children's Express⁵ existem sete estereótipos utilizados pelos jornais para retratar as crianças: Crianças como vítimas; Crianças bonitas vendem jornais; Pequenos demônios; As crianças são brilhantes; Crianças como acessórios; As crianças hoje em dia e Pequenos anjos corajosos (CHILDREN'S EXPRESS apud CARLSSON; FEILITZEN, 1999).

Outra pesquisa que procurou identificar o perfil das crianças foi realizada por Osaki (2003). O estudo sobre comerciais de televisão brasileira com imagens de crianças apresenta nove tipologias típicas para representar o consumidor infantil, sendo: Criança típica; Criança esperta; Criança travessa; Criança transgressiva; Criança sonhadora; Criança inocente; Criança consumista; Criança adultizada e Mix de tipologias (OSAKI, 2003).

Cada uma dessas conceituações retratadas pelos jornais e comerciais procuram apresentar diferentes características de criança e, no seu sentido mais amplo de infância. Assim, passamos a analisar se também na telenovela Carrossel os personagens infantis são projetados de acordo com alguns estereótipos e se tais formas de representá-los os caracterizam como crianças ou adultos em miniatura.

Pequenos demônios

“Santos diabinhos” (Firmino (Fernando Benini), o porteiro sobre os alunos)

Paulo é considerado o aluno mais rebelde da turma. Já no capítulo de estreia juntamente com seu companheiro de travessuras Kokimoto (Matheus Ueta) armam para assustar a mal humorada professora de música colocando um sapo dentro do piano. Paulo ainda rouba a boneca da irmã Marcelina (Ana Victória Zimmermann) e a envia borrada de canetinhas pelo comparsa. Como vingança as meninas se reúnem e atacam Kokimoto

⁵ Children's Express, entidade filantrópica do Reino Unido que incentiva por meio do jornalismo os jovens a se expressarem publicamente.

fazendo um bigode português no garoto, deixando-o envergonhado diante dos demais colegas.

Paulo também está sempre com estilingue e zarabatana pronto para atacar os animais. Seu hobby predileto é zombar dos colegas gordinhos: Jaime (Nicholas Torres) e Laura e negro: Cirilo. Não perdoa de suas injúrias sequer o cúmplice de travessuras, Kokimoto, debochando do japonês mestiço: *“você descobriu que sua mãe casou com um tomate e por isso você é um japa ruivo!”*

Não se intimida em ter que delatar qualquer deslize dos colegas, como fez com Valéria (Maisa Silva) que ao tentar roubar as questões para o teste de matemática deixou cair café no caderno da professora.

O garoto de sobrenome sugestivo “Guerra” parece realmente está sempre pronto para a batalha, mas deixa escapar as fragilidades típicas das crianças. Como quando transgredindo as regras impostas pelos pais para não assistir TV até tarde vê a um filme de terror e demonstra ser medroso.

A Criança sonhadora

“Corre, corre ela tá chegando” (Adriano para os objetos inanimados do quarto)

O quarto do sonhador e criativo Adriano (Konstantino Atanassopolus) – personagem que está sempre cochilando na sala de aula - é o espaço para mostrar o mundo de fantasia criado pelas crianças. Objetos inanimados, como sofá, gavetas, bonecos ganham vida e conversam com o menino. A meia chamada Chulé é a que mais interage. Sempre que são surpreendidos pela chegada da mãe de Adriano voltam a ser apenas objetos decorativos e acessórios de uso pessoal. O detalhe é que a personagem da mãe é filmada apenas dos joelhos para baixo, revelando que a presença do adulto no quarto apagaria a magia ali criada, ou ainda, que o mundo da imaginação não permite adultos.

O personagem Adriano também transpõe constantemente para seus sonhos o que vivencia com ou pelos colegas em histórias como ‘João e Maria’ e ‘D’Artagnan e os três mosqueteiros’.

A criança travessa

“Menina sapeca, que brincadeira você inventa hoje pra deixar nossos cabelos arrepiados?” (Firmino, o porteiro à Valéria)

Valéria é a personagem que não tem papas na língua e tá sempre armando para boicotar os planos dos meninos. São dela as frases mais marcantes sobre a separação entre o mundo adulto e o mundo da criança. Em uma conversa sobre eventos sociais com as colegas ela diz: *“só tem gente adulta, com conversa aborrecida”* e para mãe: *“pra você é fácil falar né, já é adulta”*. Quando é advertida pela professora em razão da tentativa frustrada de roubar as questões da prova ela responde: *“claríssimo, quem pode manda, obedece quem tem juízo!”* E ao agradecer o apoio do colega Davi (Guilherme Seta) dispara: *“quando crescer quero ser sua namorada”*

Enquanto criança ela é retratada como satisfeita com essa condição, preferindo não frequentar os ambientes típicos de adultos, ao mesmo tempo em que parece desejar ter direitos e amadurecimento para perceber os ‘segredos’ e transgredir os limites que a ‘vergonha’ impõe às crianças e que o mundo adulto anula.

A criança inocente

“Esse menino tem um coração que não cabe no peito” (Firmino, o porteiro sobre Cirilo)

Cirilo é o único aluno negro da sala de aula. Seu pai, assim como do menino Jesus, também se chama José (Marcelo Batista) e é carpinteiro. O garoto de olhar ingênuo é retratado como a criança livre de ambições e que está sempre disposto a ajudar aos amigos e a todos que necessitem. Ele demonstra essa bondade no capítulo 2 ao impedir que a armadilha feita pelo personagem Paulo Guerra contra a professora Helena a atinja e acaba sendo ele a vítima da farinha que desaba do armário em sua cabeça.

O inocente Cirilo também é o autor de uma das frases que marcam a separação entre “ser criança” e “ser adulto”. No encontro com os colegas fora da escola, enquanto discutem se entram ou não na casa ‘mal assombrada’ ele diz: *“a gente não é homem, é menino”*, revelando que se reconhece enquanto criança e assim justifica seu medo em adentrar a casa desconhecida.

Mix de tipologias

“São crianças que às vezes erram e agem sem limites, o que é normal” (Professora Helena sobre os alunos)

As crianças retratadas na telenovela Carrossel estão antenadas e representam “as crianças de hoje”, ou como denominadas por Buckingham (2002) as crianças da geração eletrônica, e que segundo o autor não podem ser consideradas “vítimas passivas dos meios, [pois] são vistas como possuidoras de sólida forma de ‘alfabetismo midiático’, uma sabedoria natural espontânea que em certo modo é negada aos adultos” (p.54).

Após armarem uma pegadinha para assustar os meninos na casa ‘mal assombrada’ a personagem Bibi (Vitória Diniz) lembra que se tivessem filmado o terror dos meninos “*iam fazer o maior sucesso no youtube*”.

São consumistas e retratam esta característica pelos vestuários, acessórios e alimentação. A personagem esnobe, Maria Joaquina é a que mais caracteriza esse estereótipo. No primeiro capítulo ela mostra indecisão sobre qual enfeite de cabelo usar e coloca como preocupação: “*não pode ser muito simples, porque senão vão achar que eu sou pobre, nem muito chique, por que posso ser roubada*”.

Outros personagens, como Daniel (Thomaz Costa) é retratado como um “brilhante” aluno e líder nato; a meiga Carmem diante dos problemas conjugais e financeiros dos pais revela-se como um “pequeno anjo corajoso”. Embora os demais personagens crianças apresentadas nos 5 (cinco) primeiros capítulos: Marcelina, Alicia (Fernanda Concon), Laura, Davi e Jaime não tenham sido enquadrados em nenhuma característica presumimos que isso se deve a pequena amostragem de capítulos utilizadas para a análise.

Crianças ou adultos em miniatura?



Divulgação

Nem todos os estereótipos e tipologias usualmente utilizadas pelos jornais e publicidade para representar as crianças - ou seja, os modos de ver as crianças - foram

identificados por meio da análise realizada, reconhece-se que em parte pela amostragem do objeto empírico estudado ter sido restrito aos 5 (cinco) primeiros capítulos, e em parte por existir uma combinação de características em cada uma das personagens (mix de tipologias). No entanto, os tipos de crianças identificadas: *pequenos demônios*, *sonhadora*, *travessa*, *inocente*, *as crianças de hoje*, *consumista*, *brilhante* e *pequeno anjo corajoso* permitem compreender não apenas como as crianças são representadas, mas também entender a história e a forma como os personagens são construídos.

Em razão do argumento de que existem estereótipos que servem para retratar as crianças na mídia as autoras Bucht; Feilitzen (2002) defendem que as crianças representadas pela televisão não caracterizam a realidade da infância. Para estas pesquisadoras as crianças “são mais frequentemente representadas como animais animados e figuras fantasiosas que como crianças ‘realísticas’, imagens essas que são bem mais raras” (p. 71). No entanto, no que diz respeito ao objetivo proposto pela análise podemos tecer como considerações que as crianças personagens representadas na telenovela *Carrossel* embora sejam crianças midiaticizadas, ou novamente como diz Buckingham (2002) crianças da geração eletrônica e como tal tem acesso aos segredos do mundo adulto, tais personagens infantis revelam o conceito de infância, tanto por estarem sendo preparadas para o mundo adulto no ambiente escolar, como por serem caracterizadas como o centro das atenções em casa. Fato evidenciado na cena em que a mãe do menino judeu Davi lhe adverte sobre a necessidade de desligar o computador e tomar banho dizendo-lhe que se necessário irá levá-lo ao banheiro e como resposta o menino diz: “*eu não sou mais um bebezinho pra tomar banho com você*”. O mesmo personagem sonha em participar da cerimônia judia de iniciação a vida adulta, exclamando: “*ai, eu tô louco pra virar um homem de verdade*”, demonstrando nesta fala que reconhece os limites entre ‘ser criança’ e ‘ser adulto’ (no caso o *bar mitzvah*, ritual simbólico da religião).

Os cuidados e atenção que a infância exige dos adultos também é percebida pelo número de filhos de cada família. A maioria dos personagens são filhos únicos e estão sempre acompanhados pelos pais, seja no momento da arrumação para a escola, de realizar as atividades escolares ou à mesa de jantar.

A preparação para desvendar os segredos da vida adulta, como sexo, violência e morte além de ser responsabilidade do núcleo familiar está a cargo da escola. A figura da “amiga” professora Helena torna o ambiente escolar o espaço onde as crianças desejam

estar não só para aprender conteúdos formais, como para viverem experiências de socialização.

Assim, por meio da análise foi identificado que embora o argumento defendido por Postman (1999) de que cinco séculos após o surgimento do conceito de infância está-se diante de um novo cenário informacional aberto pelos meios de comunicação de massa e que tal transformação social vem fazendo ressurgir os adultos em miniatura, ao modo como vistos na Idade Média, a história e os personagens construídos na telenovela *Carrossel* - mesmo representando os vários estereótipos e tipologias que a mídia usualmente adota para retratar as crianças - exibem características que compreendem o conceito de infância, que ainda de acordo com Postman (1999) apresenta-se socialmente como um sujeito em fase de preparação para desvendar os segredos da vida adulta e que pela fragilidade necessita de cuidados e atenção por parte dos adultos.

Referências

BUCKINGHAM, David. *Creceer en la era de los meios eletrônicos*. Tras la muerte de la infância. Fundación Paideia. Ediciones Morata, Espanha, 2002.

DANIEL, Diogenes. *21 anos depois, "Carrossel" volta a encantar crianças e adultos*. Matéria publicada em 24 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.bahia247.com.br/pt/bahia247/culturaecomportamento/8521/21-anos-depois-Carrossel-volta-a-encantar-crian%C3%A7as-e-adultos.htm>. Acesso em: 22 de junho de 2012.

FEILITZEN, Cecilia Von e BUCHT, Catharina. *Perspectivas sobre a criança e a mídia*. Brasília: UNESCO, SEDH/ Ministério da Justiça, 2002.

FEILITZEN, Cecilia Von; CARLSSON, Ulla. (Org.). *As Crianças Hoje em Dia*. Seminário Preparado e Apresentado por Jovens Jornalistas do Children's Express. In. *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*. Brasília, DF: UNESCO; São Paulo: Cortez, 2002.

OSAKI, Lilian de Freitas - *A representação Tipológica da Criança em Comerciais de TV*. Tese de Mestrado, São Paulo: ECA/USP, 2003.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

TAVARES, Marcus. *Carrossel*. Matéria publicada em 21 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/ultima-materia-4/carrossel>. Acesso em: 22 de junho de 2012.